



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021**

**“Tira gente, põe represa” filmografia sobre o Rio São Francisco,  
a peleja entre o cantar a terra e a épica do progresso, 1968-1994**

**Caroline Tomaz Silva<sup>1</sup>; Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira<sup>2</sup>;**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [carolainetomaz@hotmail.com](mailto:carolainetomaz@hotmail.com)
2. Orientador, DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [cfrmoliveira@uefs.br](mailto:cfrmoliveira@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** filmografia; CHESF; memória.

### **INTRODUÇÃO**

Vamos falar de uma paisagem em profunda transformação. Mudança que alterou significativamente o visual, jogando águas onde antes existiam roças, alagando moradas antigas, forçando a retirada de trabalhadores. Na paisagem nova ponteavam torres de transmissão de energia, luminárias substituidoras dos tímidos candeeiros, poderosas usinas produtoras de muitos watts de potência. Um mundo novo, caracterizado por uma intensa aceleração temporal e transformação do espaço; desaparecedor de pontos de estabilidade para a população beradero do Rio São Francisco. A paisagem de que estamos falando é a do submédio do rio São Francisco, marcada a cimento e ferro pela chegada da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, CHESF, que forjou novas configurações espaciais embaladas por discursos e interesses das classes dominantes e da burocracia estatal. Não foi uma chegada qualquer, como é dito na fala popular, a CHEFS “chegou chegando”, tirar gente e botar represas parecia um mantra sagrado, garantir que o progresso chegasse ao sertão brasileiro era uma meta que não podia ser questionada. Aqueles que apontavam eventuais fraturas no mundo que era imaginado por engenheiros e economistas mereciam o tratamento de inimigos, “perigosos subversivos” a serviço de ideias “estranhos à pátria brasileira”. É voltando olhar para a paisagem e para os sujeitos que à compõem a que se dedicou esse trabalho. De forma que os filmes elaborados no contexto de análise e as fontes orais foram os materiais que permitiram a realização da investigação histórica em que buscou-se analisar as intenções propagandísticas da CHESF, as diferentes formas e intencionalidades de captar e registrar a memória desse período e, também, a composição imagética que os filmes construíram.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Nossa metodologia se baseou, fundamentalmente, na análise daquilo que o discurso fílmico oficial, contido dos filmes produzidos pela CHESF, buscando compreender aquilo pretende dizer e aquilo que esconde confrontando com a oralidade do povo

ribeirinho. Referenciando-se em Walter Benjamin que preza por valorizar a prática da narrativa como fundamental elemento histórico e objeto da historiografia, portanto, é através da oralidade que se pode observar os vestígios que carrega do narrador e, além disso, valorizar essa prática é permitir a permanência da prática, essa que segundo o autor “A experiência de que arte de narrar está em vias de extinção”(2009).

A abordagem teórico metodológica buscou analisar em seu conjunto buscando elementos de resistências ao longo do período contradizendo o discurso proposto pela CHESF. Foram analisados levando-se em consideração os aspectos dos envolvidos, assim como as representações que foram elaboradas no interior de cada entrevista e filme em torno dos acontecimentos narrados. Para isso, lançou-se mão da noção de representação de Roger Chartier (1991).

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Ao se debruçar na investigação acerca do compilado filmográfico produzido pela CHESF, tal como o CHESF- Companhia Hidrelétrica do São Francisco - Paulo Afonso, é possível se deparar com a narrativa construída pela Companhia, que trata do processo de construção das barragens e, em menor importância, da expropriação dos sujeitos. A partir dessas películas podemos inferir quais as expectativas estavam imbuídas em diversos governos republicanos distintos, portanto, como expectativa e política de Estado em que volta-se a atenção para a região nordestina engajados em uma ideologia de transformação. Ao mergulhar nesse gênero fílmico foi observado que as características dos cinejornais, de caráter informativo, distribuídos pela Agência Nacional, outrossim, pelo Estado, destinado aos brasileiros de todo Brasil - cujo público alvo era a população de grandes centros do resto do país. Recurso fílmico esse que foi bastante usado no século XX e nos períodos militares como recurso de propaganda política, de forma que em muitos dos jornais governantes desse período militar no Brasil aparecem de forma célebre e quase central na narrativa. Algumas figuras como Adalberto Pereira dos Santos,- vice presidente de Geisel, André Dias de Arruda Falcão Filho e, antes da ditadura, mas utilizando-se do meio propagandístico Eurico Gaspar Dutra.

Os argumentos mobilizados utilizam da linguagem, tom de voz do narrador sempre eloquente, as escolhas imagéticas e contrastes da paisagem formam a intencionalidade e figuram o efeito propagandístico das produções Chesfianas. Está em jogo a capacidade discursiva de convencimento regional e nacional da importância das construções, mas também de uma real necessidade de construção para o desenvolvimento da nação. Para tal fim, alguns arquétipos, imagens, são articulados com propósito de reafirmação de alguns ideais progressistas, verbalizando ou sugerindo o atraso da região. Trata-se nos filmes de um nordeste atrasado - nordeste inventado – por não corresponder à lógica da produção, industrialização, trabalho e qualidade de vida de um país que vias de ascensão capitalista. O panorama que os curta metragens apresentam como instrumento para legitimar a construção de uma república alicerçada em ideologias progressistas, modernizantes e civilizatórios. Diante disso, evidencia-se no documento o caráter destrutivo dessas feitorias, tendo em vista que para se construir algo novo lê-se aquela paisagem como um lugar a ser destruído ou apenas como espaço vazio que se pode

construir por cima. No caso das narrativas chesfianas a segunda noção é utilizada quanto nos recursos imagéticos nas gravações, onde filma-se panoramicamente grandes espaços rurais, imensidões de águas, como se não houvesse gentes naquele lugar.

Ao longo das películas quase não aparecem os sujeitos, dessa forma a noção de espaço vazio fica ainda mais evidente, pois tudo é visto como caminho. Alinhando-se a Certeau, se “Lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (2008) e “O espaço é feito pelas operações que orientam, o circunstanciam, temporalizam, levando a proximidades e conflitos (2008)”, é entendendo como espaço e, portanto, o ambiente em que se pode construir já que nada ali existe ou, se existe, tem importância inferior e deve ser suplantado.

A temática da modernidade e modernização circunda a narrativa, se torna necessário atentar a ela para conjecturar a sua intencionalidade e o que esse conceito guarda por trás dentro de uma sociedade recém republicana consolidando as bases de sua política econômica e nacional. Assumindo o conceito de Marshall Berman, para desnaturalizar a modernização, e partindo para os filmes, o intuito homogenizador se consolida e fortalece nos discursos enunciados. Trata-se de agrupar pessoas, homogeneizá-las em um único espaço, moldar seus novos modos de viver e se portar em sociedade.

Se de um lado a narrativa hegemônica se apresenta enquanto padrão discursivo apontando os benefícios das políticas de Estado que são sempre bastante engenhosas, grandes, admiráveis, e mostram-se enquanto verdadeiras promessas de transformação do espaço e gentes, que juram assegurar um pressuposto progresso e desenvolvimento, por outro lado, “Por baixo d’água lá se vai a vida inteira” em um olhar mais atento, zeloso e microhistórico, nos deparamos com realidades outras que não necessariamente são relatadas nos cinejornais. A partir disso, podemos inferir as maneiras diversas que o discurso se constrói, inclusive, pela ótica do silenciamento, tendo em vista que embora fale de pessoas que serão diretamente afetadas – positivamente como se pressupõe - elas quase não aparecem, quase não vemos os seus rostos nos filmes chesfianos e para entender a ausência desses indivíduos é necessário perguntar se onde estão essas pessoas desterritorializadas. Através da construção filmica de “Terra Prometida” que torna-se possível humanizar e entoar a voz daqueles que não puderam evidenciá-las nas salas de cinemas propostos pelo Estado. O filme, nesse sentido, consegue apresentar a voz, anseios, desejos, tristezas, passados, presentes e futuros de gentes que perderam muito e ainda continuavam a perder com a chegada das barragens.

Analisar as seguintes fontes denota necessidade de compreendê-las como complexas e capazes de apresentar concepções e leituras sobre o real, portanto, a partir disso fica inatingível assumi-los como fontes imparciais, ou neutras, ao contrário, embebidos dentro do processo histórico mais do que apresentar as ideias contidas nos filmes, apontam caminhos discursivos e linguagem que direcionam ao convencimento de um público .

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Seja no filme Terra Prometida, Narradores de Javé, ou na fala dos nossos entrevistados,

fica em evidência a importância da oralidade como tessitura de contraposição das narrativas com a CHESF. Entender a memória e história como objetos instrumentalizadores de ações sociais é que faz os filmes e relatos orais tão preciosos no exercício do historiador. Logo, entender que a narrativa funciona enquanto compartilhamento/comunicação de experiências é essencial para capturar e investigar movimentações sociais dos sujeitos nos seus respectivos espaços e tempos.

De forma que a narrativa aparece relacionada ao exercício oposto ao caráter funcional de transmissão de informações - que é o papel da Chesf, apenas comunicar, informar friamente, tirar a humanidade daqueles que cortam o seu caminho. Opor-se a isso é trazer a história é tentar permanecer viva a história, dessa maneira, alinhando-se a Peter Burke, no dever do historiador "A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer"(BURKE, 1997).

## **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

BENJAMIN, Walter. **“O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”**. **In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Editora Companhia das Letras, 2007.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. Unesp, 1997.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados, v. 5, p. 173-191, 1991.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano** : 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. G. Einaudi, 1978.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003

PINTO, Carlos Eduardo Pinto de. **Relatos Fantomas: os filmes históricos cinemanovistas e a política cultural da ditadura civil-militar nos anos 1970**.

REBECA. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, São Paulo, v. 1, ano 2, p. 62-88, 2013.

SANTOS NETO, Antonio Laurindo dos. **Os cinejornais da Agência Nacional no sistema de informações do Arquivo Nacional (SIAN) e no portal zappiens: contribuições para análise, descrição e representação arquivística da informação**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Niterói, UFF: 2014.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.